

TEOLOGIA DA HISTÓRIA NO TRIUNFO EUCARÍSTICO

José Carlos Barcelos

1 — Introdução

Publicado em Lisboa, em 1734, o *Triunfo Eucarístico* é um texto a vários títulos curioso. Trata-se de uma minuciosa descrição de uma procissão de traslado do Santíssimo Sacramento da Igreja do Rosário para a do Pilar, em Vila Rica, realizada no ano anterior. A procissão, inserida numa série de festejos dos quais é o momento culminante, constitui uma verdadeira dramatização da maneira como aquela sociedade se pensa e se percebe. Os valores e sentidos que estruturam esta encontram um espaço privilegiado de representação naquela. A procissão devolve àquela sociedade seus próprios valores re-presentados, i.e., apresentados de novo. Como diz expressamente o *Triunfo*, "... a nobilíssima Vila Rica, mais que esfera da opulência, é teatro da Religião..."¹.

É, portanto, como uma manifestação teatral, no sentido mais originário do termo, aquilo que é oferecido à contemplação, que a procissão encarna os valores pelos quais se pautava Vila Rica no início do século XVIII. Como a citação acima mostra, esses valores são percebidos antes de mais nada em chave religiosa. O teatro em que Vila Rica contempla a própria opulência é o "teatro da Religião".

O objetivo deste texto é verificar o influxo da teologia da história de Portugal, apresentada por Camões n'Os *Lusíadas*, na configuração desse universo de sentido em que o *Triunfo* se situa. Para tanto, ater-nos-emos à "Prévia Alocutória", que antecede a descrição das cerimônias, pois aí se explicitam os principais vetores daquela particular visão de mundo.

2 — A “Prévia Alocutória”

Como introdução ao *Triunfo Eucarístico*, está anteposto um texto de caráter explicativo, que tenta simultaneamente encarecer a importância da cerimônia em vias de ser descrita e apreender-lhe o significado. Com esse intuito, essa “Prévia Alocutória” segue um interessante caminho, que vai do geral ao particular, do mais remoto ao mais próximo, tanto em sentido temporal quanto espacial.

Assim, o texto em questão descreve um arco que vai da origem do Reino de Portugal à procissão de traslado do Santíssimo. Da afirmação de que ao “Supremo Rei dos Reis, Cristo Senhor nosso, deve o glorioso Reino de Portugal a sua instituição, e dilatado Senhorio” transita-se, sem solução de continuidade, até “a magnificência de toda esta solenidade (...) exposta à pública notícia dos presentes e futuros”, conforme se lê no primeiro e no último parágrafos da “Prévia Alocutória”, respectivamente.

Os passos entre um e outro pontos poderiam ser descritos desta maneira:

- o “milagre” de Ourique na origem da nação portuguesa;
- a expansão da fé indissolavelmente unida à instituição do Reino;
- a glória de Portugal como glória de Deus, para a qual existem todas as criaturas;
- o reinado de Dom Manuel como ápice do destino português;
- a descoberta do Brasil como desígnio da Divina Providência;
- os povos do Novo Mundo simultaneamente evangelizados e dominados;
- ao contrário de outras conquistas em que a evangelização se fez acompanhar da “glória das armas”, no Brasil os portugueses “espalharam a luz do Evangelho com invejada abundância de riquezas”;
- nos últimos trinta anos encontrou-se ouro em Minas Gerais;
- as riquezas como fruto da liberalidade de Deus e não do esforço humano;
- a abundância de riqueza alterou as condições da Colônia e de Portugal, bem como despertou a cobiça de outros povos;
- no quadro de opulência de Minas, avultam “o fausto dos Templos e a preciosidade dos Altares”;
- a trasladação do Santíssimo insere-se nesse quadro como “um continuado e de presente novo exemplo de Cristandade”, que Portugal deve ao Brasil.

Como se vê, há três grandes eixos que articulam todo o discurso e demonstram, ao mesmo tempo, a relevância dos festejos de Vila Rica e seu significado profundo. São eles:

- a associação entre a Fé e o Império no destino português;
- o papel das riquezas como manifestação da glória de Deus, dom de sua liberalidade e, no caso brasileiro, substituto da “glória das armas”;

- a procissão como um evento singular em que se manifesta a Portugal e ao mundo um “novo exemplo de Cristandade”, marcado pela magnificência e solenidade.

É fácil concluir que a “Prévia Alocutória” pode ser lida como um pequeno ensaio de teologia da história, teologia da criação e teologia da beleza, correspondentes, respectivamente, aos três eixos mencionados.

3 — A teologia n’*Os Lusíadas* e no *Triunfo*

Falar de teologia numa obra literária pode conduzir a certos equívocos. Numa primeira abordagem, pode-se pensar simplesmente na presença de certos conteúdos teológicos como a existência e unicidade de Deus, o papel redentor de Cristo, a esperança numa vida ultraterrena, ou outros, que podem estar explícitos numa dada obra. No caso de uma obra da envergadura de *Os Lusíadas*, uma tal abordagem corre o risco de cair no anedótico e no superficial. Em outras palavras, pode-se tornar inócua².

O que é relevante para nossos objetivos é perceber uma certa visão teológica do mundo e da história, que se faz presente no Poema e encontrará ecos posteriores, entre os quais se encontra o *Triunfo*. No final do item anterior, já se apontaram três grandes temas passíveis de uma perspectivação teológica: a história, a criação (natureza) e a beleza. Cabe ressaltar que, tanto numa obra quanto na outra, esses temas estão de algum modo imbricados entre si. Nossa tese é de que a “Prévia Alocutória”, retomando a abordagem camoniana desses temas em suas linhas gerais, rompe com a harmonia interna dos mesmos e os recompõe num novo sistema que, ainda que dependente dos elementos fornecidos por *Os Lusíadas*, acaba gerando sentidos bastante distanciados em relação àquela matriz. Por outras palavras, o *Triunfo* faz uma leitura barroca de Camões³.

A “Prévia Alocutória” abre-se com alusões claras a Camões, ao falar das “inumeráveis e inauditas vitórias, sobre o poder de toda a força humana” ou sobre “a instituição do Reino unida ao Apostólico encargo da propagação da Fé”⁴. Temos aí o influxo inequívoco não só da dicção camoniana, como sobretudo de sua teologia da história de Portugal. O Reino português aparece como instrumento escolhido por Deus para a propagação da fé. Assim, a expansão pode ser lida como o cumprimento cabal do destino português.

Em ambas as obras, encontra-se também uma certa ressonância cósmica desse processo de expansão. De fato, diz a “Prévia Alocutória” que os portugueses “navegaram mares incógnitos, nunca vistos, nem de alguma gente navegados, (...) amansaram os mares, domesticaram os ventos, e parece dominaram os elementos, e toda a ordem da natureza”, em clara reminiscência do texto de Camões⁵. São os “novos Argonautas”⁶.

Até aqui, as duas obras correm paralelas. A diferença surge quando se considera que, em *Os Lusíadas*, essa concepção da história de Portugal e do lugar que nela ocupa a expansão vai fundamentar uma ética do heroísmo, de

extração cavalheiresca, que remete, em última análise, a uma filosofia e a uma teologia do amor e da beleza. É o amor, neoplatonicamente concebido como busca do Sumo Bem, da Suma Beleza e da Suma Verdade, que aparece em Camões como a grande fonte de sentido para a ação humana⁷.

No *Triunfo*, ao contrário, sobressai “a glória do domínio soberano” como legítima em si mesma, unicamente pela possibilidade que aí se abre à evangelização. Perderam-se totalmente o referencial ético⁸ e a concepção neoplatônica do amor⁹, em prol da afirmação da vontade de poder. Curiosamente, ao se referir à fraqueza militar dos índios, em contraste com os mouros d’*Os Lusíadas*, o *Triunfo* operará uma substituição que comprometerá definitivamente o delicado equilíbrio da visão de mundo de Camões. Nesta última, a vitória militar é uma manifestação da excelência do Evangelho¹⁰. Na “Prévia Alocutória”, esse papel será deslocado para as riquezas.

Portanto, se há uma concepção de teologia da história semelhante nos dois textos, tal não se poderá afirmar em relação à teologia da criação ou da natureza. Em Camões, a natureza é antes de tudo o universo da beleza, objeto do desejo do homem. O amor pelo que é belo torna-se aí o fundamento do heroísmo e de suas elevadas exigências éticas¹¹. Na “Prévia Alocutória”, ao contrário, a natureza é a depositária das imensas riquezas que despertam a cobiça humana¹².

Essa dupla teologia da natureza/criação determinará duas concepções estéticas radicalmente opostas. Pode-se mesmo falar em duas teologias da beleza. Num caso, temos a poesia clássica, no outro, o espetáculo barroco.

Assim, aquilo que em Camões aparece como secundário, ou mesmo como uma deturpação do verdadeiro sentido da expansão, será alçado no *Triunfo* a manifestação da glória de Deus, através da glória de Portugal. O “desejo de mandar” e a “vã cobiça”, imprecados por Camões em várias passagens do Poema, aparecem agora como signos do favor divino:

“Em outras conquistas arvoraram os Portugueses os estandartes
da Fé com imortal glória das armas; nestas espalharam a luz do
Evangelho com invejada abundância de riquezas”¹³.

Essa concepção determina a própria estética do espetáculo em que a procissão se constitui. A solenidade e magnificência da mesma expõem precisamente a riqueza como marca distintiva daquela sociedade (*Vila Rica*), ressaltando simultaneamente os aspectos de continuidade da mesma em relação a Portugal. Trata-se do mesmo Reino que vem de Dom Afonso Henriques e encontra n’*Os Lusíadas* a expressão maior de sua autoconsciência, mas que agora não se distingue mais pelo valor das armas, e sim pela profusão de riquezas. O fausto e a grandiosidade dos festejos ganham seu sentido como exteriorização dos valores básicos daquela peculiar situação dentro do espaço e da história do Reino de Portugal.

Pode-se falar, pois, numa estética da visibilidade, de cunho acentuada-

mente barroco, em que a sensualidade das formas leva o homem não à experiência da ausência e do exílio, como no Renascimento, mas à do triunfo e da glória intramundanos.

4 — Conclusão

O “teatro da Religião” é, pois, uma forma de tornar visível, aos próprios olhos e ao mundo, uma forma peculiar de ser português, na situação específica da abundância de ouro dos primeiros tempos da mineração. O recurso a *Os Lusíadas* e à teologia da história de Portugal que aí se configura procura dar conta desse aspecto de continuidade entre a sociedade que surge em torno das minas e o projeto multissecular do Reino português. A substituição, porém, da ética do heroísmo por uma teologia da riqueza (na linha de uma teologia da criação e da natureza) procura ajustar aquele projeto à realidade da extração do ouro, mantendo o referencial religioso básico como justificação e fonte de sentido para a instituição e expansão do Reino. Ao recompor os elementos camonianos na função dessa valorização teológica do ouro, a procissão de traslado do Santíssimo manifesta o triunfo da sensorialidade barroca frente à intelectualização do mundo do Renascimento.

Referências Bibliográficas

- (1) *Triunfo Eucarístico* in Afonso Ávila. *Resíduos seiscentistas em Minas*. Textos do século do ouro e as projeções do mundo barroco. Belo Horizonte, Centro de Estudos Mineiros, 1967, 1º vol., p. 183.
- (2) É o caso de Antônio de Azevedo Pires. *A teologia em Camões*. Lisboa, União Gráfica, 1970.
- (3) Sobre a recepção de Camões no Barroco, cf. Maria Lucília Gonçalves Pires. *Camões no Barroco* in *Actas da III Reunião Internacional de Camonistas*. Coimbra, Universidade de Coimbra, 1987, p. 87-98.
- (4) Cf. *Os Lusíadas* I, 1 e 2.
- (5) Cf. *Os Lusíadas* I, 1 e 3.
- (6) Cf. *Os Lusíadas* I, 18 e IX, 64.
- (7) Cf. o próprio papel de Vênus como num tutelar dos portugueses.
- (8) Cf. *Os Lusíadas* X, 58.
- (9) Cf. *Os Lusíadas* IX, 42.
- (10) Cf. *Os Lusíadas* IV, 48.
- (11) Cf. *supra* nota nº 8.
- (12) *Ob. cit.*, p. 170 e 173, p.ex.
- (13) *Ob. cit.*, p. 167s.